

# ***A outra exclusão dos surdos no Litoral Norte-RS***

DENISE NUNES DE CAMPOS BÜHLER<sup>1</sup>  
RICARDO VIANNA MARTINS<sup>2</sup>

## **RESUMO**

*Nosso projeto de extensão “Língua de Sinais no Litoral Norte” (Curso de Psicologia - ULBRA / Torres, IPESA), desenvolve várias atividades voltadas às necessidades dos surdos no Litoral Norte do RS. Tem como foco, a transmissão da língua de sinais diretamente para alunos surdos - principalmente nas cidades de Osório e Torres, onde encontramos classes especiais de surdos. Atualmente estamos ampliando nossas pesquisas, buscando surdos, especialmente na encosta da serra, que estejam fora da rede escolar, com a finalidade de conhecer a condição em que se encontram. Trazemos, então nesse artigo, dados desta pesquisa em andamento, no qual estamos mapeando inicialmente os municípios de Terra de Areia, Três Forquilhas, Itati e Maquiné.*

**Palavras-chave:** *surdez, Litoral Norte, exclusão, educação, língua de sinais.*

## **ABSTRACT**

*In our Project “Sign language in Litoral Norte of Rio Grande do Sul” (ULBRA/Torres, IPESA), we are developing many activities which the goal is to improve the Education of deaf people. We focus our efforts in transmitting Brazilian Sign Language (LIBRAS), especially for those deaf which use just mime instead of a Sign Language. The absence of LIBRAS is very common in cities with less than a one hundred thousand inhabitants. In this article we will show the partial results of our ongoing research in which we are making a census of deaf people in four towns of the region: Terra de Areia, Três*

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Psicologia – ULBRA/Torres

<sup>2</sup> Professor – Orientador do Curso de Psicologia – ULBRA/Torres

Forquilhas, Itati and Maquiné.

**Key words:** *brazilian sign language, LIBRAS, deaf, segregation.*

## **INTRODUÇÃO**

Dos 22 municípios que compõem o Litoral Norte, neste primeiro momento começamos o mapeamento dos municípios de Terra de Areia, Três Forquilhas, Itati e Maquiné.

Com base nos cálculos da Organização Mundial de Saúde (OMS) - que estima em 0,15 por cento a incidência de surdos na população -, fomos em busca de registros nos quais aparecessem estes dados, com o objetivo de conhecer a condição em que os surdos dessa região se encontram, e criar propostas que atendessem tal demanda.

Não os encontramos, pois a maioria das Secretarias da Educação e da Saúde, desconhece a existência de surdos em seus Municípios, o que evidencia um certo desconhecimento ou descaso do problema.

Surgiu, então, a necessidade de irmos a campo desenvolvendo algumas propostas que nos levasse a encontrar essas pessoas que pareciam invisíveis às suas cidades.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Promovemos cursos de Língua de Sinais - LIBRAS -, ministrados por instrutores surdos, oferecidos para surdos, familiares e comunidade em geral.

Fizemos palestras divulgando a importância do aprendizado de LIBRAS e prestando informações sobre as escolas para surdos existentes na região.

Divulgamos nossa proposta em rádios, sensibilizando a comunidade para a importância da LIBRAS no desenvolvimento pessoal, social e cognitivo dos surdos.

Desta forma encontramos pessoas que conhecem surdos e que nos indicam outros surdos - *snowball*. E através de entrevistas fizemos o registro das condições dos mesmos.

## **LÍNGUA DE SINAIS E SURDEZ**

Observamos que a tarefa de descobrir que o filho é surdo, torna-se complicada para os pais pelo fato de encontrarem poucas e às vezes nenhuma pessoa preparada a orientá-los e apoiá-los, agravando-se o caso quando a situação econômica da família é precária ou quando residem fora dos grandes centros urbanos.

A maioria dos pais, em busca de conhecimento sobre a surdez e tratamento para seus filhos, são encaminhados para fonoaudiólogos, os quais estimulam (e às vezes obrigam) seus filhos a oralizarem-se, pensando ser esse o caminho de maior aceitação ao surdo.

(...) “Esses profissionais apresentam e apóiam uma visão patológica do que significa ser surdo quando os pais estão mais vulneráveis” (HOFFMEISTER, 1999, p.114).

Para HOFFMEISTER (1999), estes profissionais encorajam os pais no sentido de que ensi-

nar a seus filhos a leitura de lábios e a oralização os tornará mais parecidos com eles, pais ouvintes. Alguns pais acreditam que ao oferecerem a seu filho o aprendizado de sinais, estarão tornando-o um membro do “mundo dos surdos” e predestinando-o ao isolamento, estigmatizados e incapacitados ao sucesso na vida. É comum ouvirmos relatos em que o fato de não poder ensinar LIBRAS para todo o mundo dos ouvintes, devem ensinar o filho a oralizar, para assim pertencer e ser aceito pelos ouvintes. Esse pensamento mostra o medo que os pais tem de ver seu filho ser rejeitado pela sociedade ouvinte, o que é passado ao filho surdo durante sua vida.

O surdo sinalizador<sup>3</sup> tem sua língua própria, a LIBRAS, que é uma língua que possui a sua própria estrutura e gramática e dá ao surdo a liberdade de expressar-se na sua cultura, a cultura do surdo e assim desenvolver sua identidade própria.

Sem uma língua, os surdos ficam limitados na sua relação simbólica e social com a realidade e na própria subjetividade. Sem circulação simbólica, é o próprio sujeito que não circula e a consequência é perda de autonomia. Não podem ir, por exemplo, a outras cidades onde poderiam aprender uma língua. Sequer esta possibilidade pode ser cogitada, pois para isto precisariam de conceitos que a mímica de que normalmente dispõem não alcança.

Vemos que as crianças surdas criam recursos próprios para desenvolver a linguagem, mesmo sem contato algum com a língua de sinais. Essas crianças desenvolvem uma linguagem mímica com seus familiares que as limita a comunicação social. LOPES (1997) refere-se à Língua de

Sinais como um elemento mediador entre o surdo e o meio social onde convive, que o possibilita demonstrar suas capacidades de interpretação do mundo, desenvolvendo estruturas mentais em níveis mais elaborados.

Infelizmente, para alguns pais, a Língua de sinais é deixada em segundo plano. BOTELHO (1999) relata que a Língua de Sinais é dada por alguns pais como uma concessão ao filho surdo que já domina a fala, não permitindo ao filho o direito de escolha. Descreve ainda que em surdos oralizados, encontra-se mais presente e nítida a crença de que a surdez estabelece uma identidade comprometida ou deteriorada.

Em outro trabalho, descrevemos o impacto causado pela Língua de sinais na vida do surdo, sentido por seus familiares, que relatam que os surdos passaram a interagir mais com os ouvintes e com a família, bem como maior disposição para atividades em grupo. Portanto, a Língua de Sinais tem um efeito de transformar a subjetividade do surdo, possibilitando-o a interação no meio social com algum sentido.

A capacidade narrativa depende diretamente da aquisição lingüística, ou seja, somente na medida em que estes sujeitos surdos aprenderam a LIBRAS tornaram-se capazes de narrar uma história e de significar o seu passado (MARTINS, 2004, p.71).

JERUSALINSKY e colaboradores (1999) não vêem o surdo excluído do mundo da linguagem e distinguem a linguagem e o falar,

(...) já que a linguagem é um sistema que pré-existe ao nascimento da criança (...) e esse sistema que pré-existe se vale de signos, mas não na função de signos (...)

<sup>3</sup> Pessoa surda que se comunica com o mundo através de sinais. Não usa aparelho de surdez.

por somar signos, pode-se compor uma linguagem (...) chega um momento em que há tal quantidade de signos que se torna complexa a coisa e se deve tentar uma lógica para ordená-los (...) e aí surge a função semiótica<sup>4</sup> (...) (JERUSALINSKY et al, 1999, p.51-53).

O aprendizado de Libras proporciona ao surdo a organização destes signos em busca de seus significantes. Capturar e ser capturado pelos significantes é o que de fato nos dá a dimensão humana. O que permite a relação com o outro, a constituição simbólica, a estruturação do desejo e do próprio sujeito.

Falta informação para que a família do surdo, bem como a comunidade ouvinte, conheçam e aceitem o ensino de LIBRAS, proporcionando ao surdo a possibilidade de apropriar-se deste recurso.

Pesquisas em cidades de médio e pequeno porte no Rio Grande do Sul têm apontado que os surdos dispõem apenas de um código de sinais local, muito limitado. Com esse código mal se comunicam com os familiares, com os professores e com os colegas. Assim, os surdos encontram-se excluídos do mundo simbólico. Analfabetos, mesmo depois de muitos anos de escola, e socialmente isolados, são sujeitos sem história, pois lhes falta a língua que lhes possibilitaria esta narrativa (MARTINS, MIRANDA e PERLIN, 2002).

Em um curso de LIBRAS, em andamento, na cidade de Terra de Areia, os participantes, mai-

oria professoras do Município e Estado, comentaram o despreparo das escolas da região para acolher e aceitar um aluno surdo. Comentaram que se um aluno surdo procurasse estas escolas, não seriam rejeitados, porém reconhecem o despreparo para recebê-lo, não sabendo como melhor atendê-lo. E assim se inscreve a trajetória do surdo, de repetência e evasão escolar. A escola acolhe, mas não sabe o que faz com ele. Não “fecha as portas”, mas também não “abre a porta certa”.

Apesar de não restar dúvidas de que a educação de surdos passa, inexoravelmente, pela língua de sinais, a LIBRAS ficou do lado de fora da escola. Aparecendo como privilégio dos grandes centros urbanos e mais algumas cidades. A presença da LIBRAS na escola, representa apenas o primeiro passo, se não é uma garantia de uma boa educação, pelo menos é a condição básica para qualquer trabalho possa se desenvolver.

CURIONE (2004) questiona como pode a escola atuar como ‘doadora universal’ de linguagem, se o surdo não compartilha essa língua na sociedade, com a família, amigos, vizinhos. E esclarece que para a escola exercer esse papel de doadora de linguagem, se faz necessário que esta seja uma escola de Surdos. A exemplo desta, dispomos no Litoral Norte de duas escolas, em Osório e Torres, onde o surdo tem contato com um instrutor surdo. Torna-se mais fácil adquirir a Língua de Sinais tendo contato com pessoas fluentes nesta língua. Quanto mais cedo a criança surda tiver esse contato, mais facilitado será o seu desenvolvimento cognitivo e lingüístico.

---

<sup>4</sup> Ciência da linguagem que opera com a articulação dos signos verbais e não-verbais, com os diversos sistemas de sinais, de linguagem e suas relações.

## RESULTADO PARCIAL E DISCUSSÃO

Com esse propósito de buscar os surdos do Litoral Norte e conhecer a condição em que se encontram, desde maio / 2005, encontramos 27 surdos, na faixa etária de 2 a 30 anos. Destes, apenas dois tinham contato com a LIBRAS, sendo que só um freqüenta a escola de Osório, o outro parou de estudar pela necessidade de

trabalhar. Os surdos eram de Terra de Areia (6), Três Forquilhas (4), Itati (15), Maquiné (2) – apenas estes com Libras. A maioria encontra-se fora do circuito escolar, nunca freqüentaram uma escola, ou dela evadiram-se. Não têm uma língua própria e enfrentam dificuldades de comunicação. Alguns estão “incluídos” em classes de ouvintes, com uma linguagem limitada e baixo rendimento escolar. A seguir visualizaremos melhor esses dados:

CIDADES	Terra de Areia	Três Forquilhas	Itati	Maquiné	Total de surdos encontrados
Nº HAB. (Fonte: IBGE)	9.017	3.229	2.973	7.559	<b>27</b>
ESTIMATIVA OMS	13	4	4	11	
Nº DE SURDOS ENCONTRADOS	<b>6</b>	<b>4</b>	<b>15</b>	<b>2</b>	

Tiveram contato com a LIBRAS	Tiveram contato com outros surdos em sua rede de relações	Freqüentam escola regular	Freqüentam escola para surdos	Estão fora da escola
<b>4</b>	<b>4</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>24</b>

Encontramos pais, que não sabem como proceder com seus filhos surdos por desconhecerem as capacidades que estes possuem e que poderiam ser exploradas através da língua de sinais. Não raro, ouvimos relatos de conflitos familiares gerados pela falta de uma orientação sobre a surdez. Estes surdos não conseguem estabelecer uma comunicação por não existir no local, uma língua que faça mediação entre o surdo e o ouvinte, tornando a comunicação, limitada à mímica que dispõem.

Desta forma os surdos da encosta da serra encontram-se excluídos da língua o que lhes leva à exclusão social, fazendo-se necessário uma atuação que os leve de volta às escolas e lhes proporcione o convívio social. Tentando reverter o estado de exclusão em que esses se encon-

tram. Trabalho este, que deve incluir familiares e professores. Salientamos ainda a necessidade de uma escola com turmas especiais que atenda aos surdos nesta micro região, da encosta da serra, visto que as escolas mais próximas, em Osório e Torres, ficam muito distantes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTELHO, Paula. Surdos oralizados e identidades surdas. In: SKILAR, Carlos (Org.). *Atualidade da Educação Bilíngüe para Surdos*. Porto Alegre: Mediação, 1999. v. 2.

CURIONE, Alex. *Aquisição da Língua de Sinais como primeira língua: direito dos surdos*. Disponível em:

< [www.feneis.org/Libras/anexos/aquisi96E7.ao\\_libras\\_Alex\\_Curione.htm](http://www.feneis.org/Libras/anexos/aquisi96E7.ao_libras_Alex_Curione.htm) >. Acesso em: 2004.

HOFFMEISTER, Robert J. Famílias, crianças surdas, o mundo dos surdos e os profissionais da audiologia. In: SKILAR, Carlos (Org.). **Atualidade da Educação Bilíngüe para Surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999. v.2.

JERUSALINSKY, Alfredo et al. **Psicanálise e desenvolvimento infantil**. Porto Alegre: Artes e Ofícios Editora, 1999.

LOPES, Maura Corcini. A mediação material e signa no processo de integração de crianças surdas. In: SKILAR, Carlos (Org.).

**Educação & exclusão: abordagem sócio-antropológica em educação especial**. Porto Alegre: Mediação, 1997.

MARTINS, Ricardo Vianna. A importância da Língua Brasileira de Sinais para além dos grandes centros urbanos. In: FÓRUM DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA, 3.; SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2., 2004, Torres. **Anais...** Torres: ULBRA Torres, 2004.

MARTINS, Ricardo Vianna; MIRANDA, Wilson; PERLIN, Gládis. **O Investimento na Língua dos Surdos no Interior do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: Arqueiro, 2002. v. 5.